



## **DESVENDADO A ECONOMIA COLABORATIVA: DEFINIÇÕES E MAPEAMENTO DE INICIATIVAS**

Antonio Daniel Alves Carvalho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O artigo objetiva elencar as formas de economia colaborativa e suas definições, bem como fazer um mapeamento de empreendimentos, ou melhor, iniciativas que seriam de parte da economia colaborativa. Para realizar essa tarefa foi realizado um estudo exploratório descritivo que elucida o significado das atividades exercidas no contexto da economia colaborativa, além de mapear as atividades desenvolvidas por empresas ou grupos de pessoas que executam a economia colaborativa. O estudo traz um panorama das diferentes formas que a economia colaborativa pode ter e como os sujeitos da sociedade utilizam esse modelo para realizar atividades econômicas e/ou de trocas de baseada na confiança e em redes sociais virtuais.

**Palavras-chave:** economia colaborativa, economia da moral, mapeamento.

### **INTRODUÇÃO**

As relações humanas têm sofrido mudanças ao longo da história, no entanto esse processo tem sido ressignificado e ganhou proporção global, desde do surgimento dos meios de comunicação podemos afirmar que nunca a humanidade esteve tão conectada, pois o aumento da possibilidade de comunicação e compartilhamento de informações contribui para a disseminação de um contexto social global mediado pelo pela rede mundial de computadores. Reduzindo as distâncias espaciais entre pessoas distantes e em algumas situações aumentando a distância entre os próximos, mesmo assim a rede possibilita a interação entre sujeitos e grupos em todo globo.

Além das questões relacionadas a comunicação, destacamos a condição ambiental do planeta, pois desde a década de 1970 a Organização das Nações Unidas (ONU) tem alertado que os recursos do planeta são finitos e que o atual modelo de consumo e produção são insustentáveis, alertando a todo o planeta para o desenvolvimento sustentável.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, membro do LEMOS, e-mail: antonio.carvalho@ics.ufal.br

Os dois temas são relevantes para tratarmos do objeto de nossa pesquisa a economia colaborativa, que emerge como uma nova forma de consumo e modelo de negócio sustentável. O surgimento desse modelo econômico foi possível em razão do acesso à internet e as redes sociais, que possibilita grupo de pessoas compartilhar bens e serviços. As motivações para isso podem ser diversas e merecem um estudo a parte, aqui buscaremos compreender o que é economia colaborativa e quais os negócios, ou melhor, iniciativas que transitam nesse modelo de economia.

Por ser um fenômeno social contemporâneo, baseado em uma sociedade de rede (CASTELLS, 1999), vinculado a sujeitos que de modo geral acreditam nos valores que a economia colaborativa apresenta, o objetivo do estudo se justifica por possibilitar a apresentação de dados sobre o conceito e sua aplicação prática através de um mapeamento de iniciativas que se definem como esse modelo de economia.

A pesquisa para o artigo tem um caráter exploratório-descritivo que busca apresentar de forma genérica um retrato do campo estudado. Então, foi realizada revisão bibliográfica de livros, matérias (jornais, revistas, sites, blogs) e vídeos que tratam do assunto, bem como o mapeamento de iniciativas e como elas se classificam neste mercado.

Assim, o presente artigo se divide em duas partes. A primeira é uma abordagem teórica e conceitual do que seria a economia colaborativa e suas interfaces, baseada no material bibliográfico analisado; já a segunda parte traz uma lista com uma variedade de iniciativas que afirma ser parte da economia colaborativa. Esses modelos trazem a essência do que é discutido na primeira parte, ou seja, seria a prática dos conceitos.

## **1. A ECONOMIA COLABORATIVA: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO**

A economia colaborativa reúne iniciativas heterogêneas em termos de objetivos, ideologias e mecanismos de criação de valor, que vão desde de comerciais a não-comerciais. A emergência da economia colaborativa está envolta de inúmeros marcos fundadores possíveis, que acrescentam uma variedade de interpretações do objeto. Uns a veem como um consumo alternativo e compartilhado; uma nova solidariedade, etc. Diante das inúmeras possibilidades a economia colaborativa está transformando muitos setores econômicos como: hotelaria, turismo, ensino,

transporte, reparo ou reutilização de objetos, financiamento, etc. Essa dimensão do campo o torna múltiplo e gera debates semânticos e morfológicos sobre sua definição, terminologia e função.

O conceito de economia colaborativa tem, de fato, relações difusas, com a economia de compartilhamento e a economia *peer to peer*. Com essa variedade o estudo é um desafio por suas inúmeras perspectivas.

Para iniciar iremos abordar o a ideia de consumo colaborativo. A concepção desse modelo de consumo está baseada nas premissas dos 5 Rs da sustentabilidade (Repensar, Reduzir, Recusar, Reutilizar e Reciclar) sendo o sujeito o principal agente de ação quanto a mudança de hábito no modelo de consumo. Esse modelo de consumo foi considerado uma das 10 coisas que poderão mudar o mundo segundo a Revista Times em 2011, isso em razão da funcionalidade do produto, ou seja, você precisa da música e não do CD, você tem a necessidade de um furo na parede e não de uma furadeira (BOTSMAN; ROGERS, 2011).

O consumo colaborativo reduz o consumo do produto pouco utilizado e dar maior uso a eles. Gerando economia financeira para o usuário que pode alugar ou pegar emprestado o que necessita.

A segunda abordagem é da economia compartilhada que é baseada no compartilhamento de bens ou serviços subutilizados. Nesse modelo o sujeito troca ou alugam bens ou serviços diretamente a outro sujeito. Segundo Botsman (2015) é “Um sistema econômico de redes e mercados descentralizados que libera o valor de ativos subutilizados, combinando as necessidades e os recursos, de forma a contornar os intermediários tradicionais.” (tradução nossa).

O terceiro modelo é *peer to peer* ou economia entre pares, nesse a circulação de serviços e/ou bens está atrelado as relações de confiança entre os pares. Nele a transação é realizada de acordo com a reputação que o sujeito tem na rede contato.

E por fim, a economia colaborativa que para Botsman (2015) tem uma diferença pois essa seria “Um sistema econômico baseado no compartilhamento de ativos ou serviços subutilizados, gratuitamente ou por uma taxa, diretamente a indivíduos”(Ibid, tradução nossa).<sup>2</sup> No entanto, a autora afirma ainda que os diversos modelos tem causada uma confusão quanto a classificação de iniciativa como

---

<sup>2</sup> An economic system based on sharing underused assets or services, for free or for a fee, directly from individuals.

economia colaborativa. Pois o segundo ela o Uber tem disseminado uma nova forma de realizar atividades cotidianas, no entanto esse serviço não seria um modelo de economia colaborativa, pois ele é um serviço sob demanda, pois há a necessidade de locomoção rápida e barata e ele se propõe a resolver esse tipo de demanda. Não havendo compartilhamento de acordo com definição da mesma.

Já para Dora Kaufman e Roza (2013) uma das características da economia colaborativa é a formação de plataformas digitais abertas e coletivas. Desse forma ele define uma arquitetura colaborativa que é sustentada em três pilares: pessoas, tecnologia e sustentabilidade. As pessoas fazem a mudança cultural que estamos passando e que estão dispostas a colaborar em ambientes confiáveis; as tecnologias viabilizam a conexão e as transações entre as pessoas, reduzindo o tempo e espaço entre elas; e por último a sustentabilidade esse modelo de economia traz um novo modelo de consumo que visa a redução de desperdício de recursos e das desigualdades sociais, ou seja, um consumo consciente(ibid).

Diante desse inúmeras possibilidades de interpretação acerca do conceito e ideia de economia colaborativa Bostman (2015) propõe cinco critérios para definir o que seria iniciativas colaborativas ou compartilhadas. São eles:

- 1 - A ideia central do negócio envolve o desbloqueio do valor de ativos não utilizados ou subutilizados ('capacidade ociosa'), seja para benefícios monetários ou não monetários.
- 2 - A empresa deve ter uma missão clara orientada por valores e ser construída sobre princípios significativos, incluindo transparência, humanidade e autenticidade, que informem suas estratégias de curto e longo prazo.
- 3 - Os fornecedores do lado da oferta devem ser valorizados, respeitados e empoderados e as empresas comprometidas em melhorar economicamente e socialmente a vida desses provedores.
- 4 - Os clientes do lado da demanda das plataformas devem se beneficiar da capacidade de obter bens e serviços de maneira mais eficiente, o que significa que eles pagam pelo acesso em vez de propriedade.
- 5 - O negócio deve ser construído em mercados distribuídos ou redes descentralizadas que criam um senso de pertencer, responsabilidade coletiva e benefício mútuo através da comunidade que eles constroem. (ibid. s. pág.)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> 1- The core business idea involves unlocking the value of unused or under-utilized assets ("idling capacity") whether it's for monetary or non-monetary benefits.

2 - The company should have a clear values-driven mission and be built on meaningful principles including transparency, humanness, and authenticity that inform short and long-term strategic decisions.

3 - The providers on the supply-side should be valued, respected, and empowered and the companies committed to making the lives of these providers economically and socially better.

4 - The customers on the demand side of the platforms should benefit from the ability to get goods and services in more efficient ways that mean they pay for access instead of ownership.

Com essa classificação de Botsman pretende facilitar a classificação das iniciativas que afirmam ser de economia colaborativa ou são identificadas como tal. Com essa proposta de classificação iremos fazer uso delas para classificar as iniciativas mapeadas no estudo.

A ideia de economia colaborativa até agora configura-se com o compartilhamento de bens ou serviços, fato que acontecia em muitos modelos de sociedade humanas. O retorno a essa forma de garantir a satisfação de necessidades remete a uma configuração de confiança nas relações humanas, que passam a ser realizadas através de compartilhamento que não são unicamente mediadas pelo mercado ou por questões financeiras.

O modelo estudado no dirige ao conceito de economia informacional de Castells (1999). E com o desenho dado pelos dados apresentado podemos interpretar teoricamente a economia colaborativa a partir de três teorias.

A primeira é economia da funcionalidade, aqui o valor do produto não está na posse, mas nos benefícios de seu uso, seria uma mudança de paradigma baseada no uso e não na posse. Neste modelo a hipótese que a mudanças socioeconômicas podem ser interpretadas pela ótica da mudança de consumo, sendo uma transição entre o consumo do produto para uma economia de uso (HUET; CHOPLIN, 2012).

O segundo modelo é a teoria do dom de Mauss ([1924] 2003) o dar, receber e retribuir, são elementos que garantem o vínculo social dos envolvidos, se opondo a troca monetária. No caso da economia colaborativa o que mobiliza essa teoria é a criação e manutenção de vínculos sociais, pois a aproximação de pessoas de perto ou de longe é fortalecida.

E por fim, o terceiro modelo é os dos bens comuns, esse não se confunde com bens públicos, pois ele trabalha com uma governança descentralizada e compartilhada favorecendo a criação coletiva como pode ser visto na obra *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action* de Ostrom (1990). Um exemplo disso a gestão de software livres ou de código aberto, como Linux, ou o Wikipédia que é autorregulada pelos membros de rede. Segundo Abromovay (2012),

O fundamental na riqueza das plataformas de conhecimento e inovação com base na cooperação e na partilha é sua capacidade de expandir os limites da comunicação humana para muito além das fronteiras permitidas pelas relações estritamente pessoais... softwares livres também se forma uma

---

5 - The business should be built on distributed marketplaces or decentralized networks that create a sense of belonging, collective accountability and mutual benefit through the community they build.(BOTSMAN, 2015)

comunidade auto organizada, um grupo que interage com base em regras partilhadas, em um certo código de conduta, mas cuja ação não responde ao mecanismo dos preços, embora seja inteiramente descentralizada. (Ibid. p. 164)

Esse modelo centra-se na gestão do modelo por seus membros sendo a ação de cada um uma forma de manutenção e aprimoramento do modelo.

Os modelos de economia recebem definição de acordo como ela é executada ou utilizadas, sendo uma bricolagem entre concepções individuais, moral e de atividade econômica. Assim, esse modelo de mercado pode ser interpretado como um conceito híbrido, que irão subdividir o objeto de estudo em subobjetos de acordo com a especificidade de cada um.

Recapitulando, a economia colaborativa é um fenômeno social contemporâneo, mediado por redes sociais virtuais, que disseminam um moral entre os participantes e tem um conceito híbrido que se desloca de acordo com a especificidade da atividade executada pelos agentes do campo. Assim iremos apresentar alguns exemplos de iniciativas de economia colaborativa, afim de apresentar essas ideias na prática.

## **2. MODELOS DE NEGÓCIOS COLABORATIVOS**

A multiplicidade de modelos que convergem com a economia colaborativa corrobora com um infinitude de possibilidade de desenvolver atividades e denominá-las de economia colaborativa. Diante disso foi necessário realizar o mapeamento para identificar e desenhar um campo em expansão. A tarefa não é possível sem um método claro que possibilite logicamente mapear e enquadrar os modelos, para isso foi utilizada uma metodologia diferente da primeira parte do texto, além de trazer uma série de dados quantitativos.

### **2.1 MÉTODO**

Para mapear as iniciativas de economia colaborativa disponíveis no Brasil foi realizada uma pesquisa por bancos de dados de empreendimento com esse perfil, no entanto não foi identificado nenhuma fonte oficial disponível. Porém, foi encontrado dois *sítes* que disseminam e usam as ideias de consumo colaborativo e cooperação, foram eles o [www.cidadecolaborativa.org](http://www.cidadecolaborativa.org) e o [www.consumocolabprativo.cc](http://www.consumocolabprativo.cc), o

primeiro é um portal dedicado a exclusivamente a economia colaborativa, que deseja elencar as iniciativas existentes no estado de São Paulo, já o segundo é destinado a disseminar a ideia de consumo colaborativo e sustentabilidade, em ambos existe um diretório com o cadastro de diversas iniciativas os dados desse diretório foi utilizado como base para iniciar a pesquisa. Nele foi coletado os seguintes dados: Nome da iniciativa, área de atuação, origem e *link* da página virtual da iniciativa.

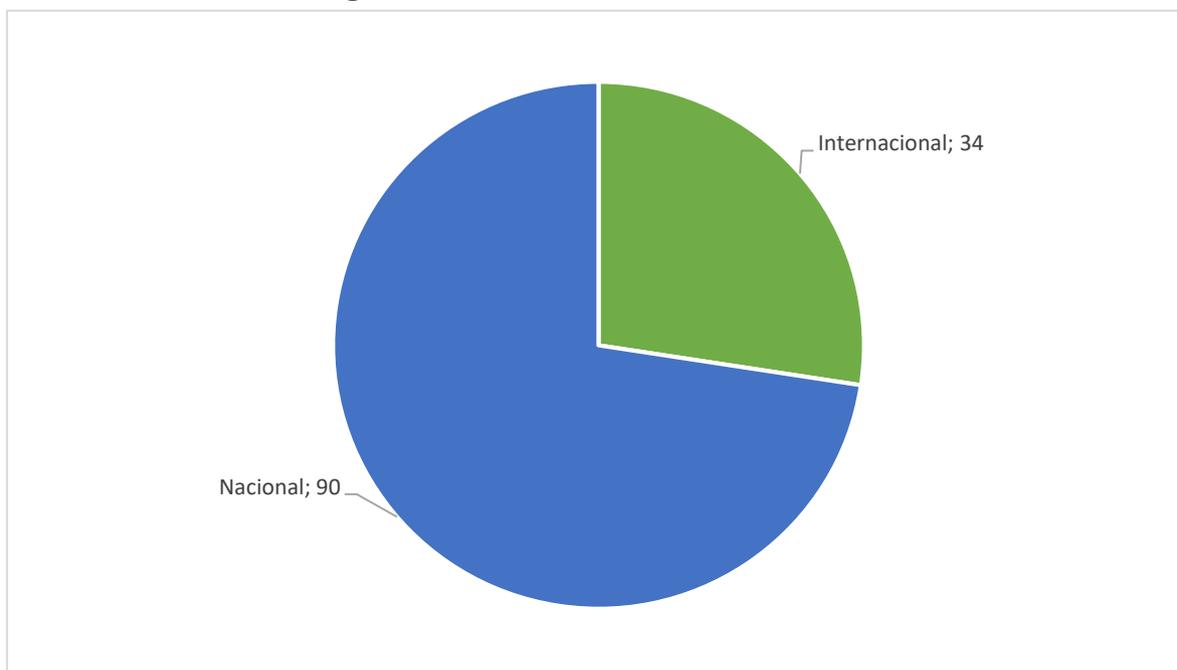
A análise dos dados foi realizada através de visitas aos sites de cada iniciativa e categorizar as áreas de atuação das iniciativas, pois algumas atuam em diversas áreas que se mesclam. Assim, foi criada as seguintes categorias: Alimentação, aluguel, consumo, financiamento, informação, mobilidade, moradia/hospedagem, serviço e turismo. Na categoria alimentação estão as iniciativas que envolvem serviços alimentares, como compartilhamento de refeições, serviços ofertados por cozinheiros que utilizam sua residência para vender refeições e até mesmo refeições temáticas para turistas. No grupo aluguel englobamos todos os serviços de alugueis como de roupa, carros, lanchas e demais possibilidades sendo excluídas locações de imóveis. No extrato consumo foram classificadas todas as ações que buscam o consumo colaborativo e sustentável, já no financiamento entram as iniciativas que tratam financiar projeto de forma compartilhadas. A categoria informação está relacionada ao compartilhamento de informações ou dados sobre determinados serviços, enquanto a mobilidade foca em empreendimentos que buscam melhorar ou tomar a mobilidade mais sustentável, na categoria moradia/hospedagem estão todos os serviços de hospedagem, *coliving*, troca de casa, aluguel e espaços em residenciais, os serviços são todos as iniciativas buscam realizar trocas de serviços educacionais, informações e espaços de *coworking* e por fim as iniciativas relacionadas ao turismo que focam nos serviços de guia locais, turismo alternativos e etc. Essas categorias possibilitaram uma análise mais ampla do campo estudado.

Após essa classificação foi realizada a tabulação dos dados com auxílio do software Excel, onde foram realizadas algumas análises quantitativas que são apresentadas no próximo subtítulo.

## 2.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados totalizaram 180 iniciativas nas duas bases de dados, no entanto algumas se repetiam, após essa revisão e eliminação repetidas tivemos o total de 124 casos a serem analisados. Desse caso podemos identificar que as atividades de economia colaborativa em sua maioria são desenvolvidas por meio de plataformas digitais ou aplicativos que conectam pessoas interessas em alugar, vender, compartilhar, comprar bens e serviços mais acessíveis e que sejam sustentáveis. Das iniciativas elencadas foi evidenciado que 90 delas tem origem nacional enquanto as outras 34 são internacionais, no entanto tem atividades no país.

**Gráfico 1 – Origem das iniciativas em economia colaborativa**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa informação traz a luz um debate acerca da origem e a dimensão de alcance dessas iniciativas que variam de um nível e funcionamento local, como *Muda SP*<sup>4</sup> que é o movimento urbano de agroecologia que mapeia locais de venda e produção de produtos orgânicos na cidade de São Paulo; outro tipo de alcance é no país como o *Cabemcasa*<sup>5</sup> o serviço desse site é intermediar espaços ociosos e

<sup>4</sup> Mais informações < <http://muda.org.br/> >

<sup>5</sup> Mais informações < <https://www.cabemcasa.com.br/>>

peessoas interessadas em guardar coisas em um local, dessa forma você pode locar o quarto ou a garagem ocioso da sua casa para guardar roupas, utensílios e outra variedade de coisas, esse aplicativo funciona no Brasil inteiro, bem como *Tem açúcar?*<sup>6</sup>, o *enjoei* e outros, e por fim temos as iniciativas de configurações internacionais com *Airbnb*<sup>7</sup>, *Uber*<sup>8</sup>, *Blablacar*<sup>9</sup> e etc. Essas são mais conhecidas passam mais confiança e tem um público mundial.

A possibilidade de ligar pessoas em diferentes locais do planeta é uma das condições para ser colaborativa, pois está interligando pessoas que tem objetivos complementares e buscam realizar transações sustentáveis, essa condição tomam os empreendimentos colaborativos um espaço de ação sem fronteira, por mais que as atividades foquem em nível local em muitos casos existem espectadores ou participantes que não são parte do local no qual é desenvolvida a ação, bem como há negócios que visam a conectividade global de pessoas o que facilita troca de experiencias, produtos e serviços.

Essa possibilidade de atuar em nível global e considerando as possibilidades de iniciativas, foi identificado algumas áreas de atuação das iniciativas e destacamos o grupo de consumo e serviço, que representam juntos 44% dos empreendimentos identificados na pesquisa, evidência que a troca e compartilhamento de bens e serviços é uma das áreas com maior concentração de iniciativas, até porque essa seria a razão de existir da economia colaborativa.

---

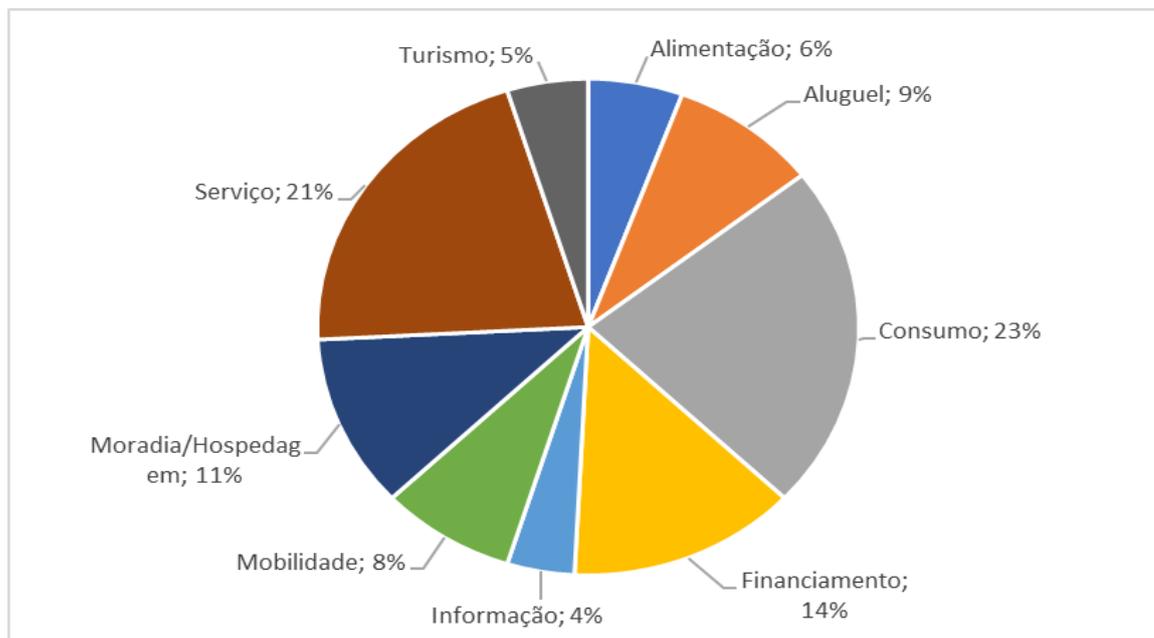
<sup>6</sup> Mais informação < <http://www.temacucar.com/>>

<sup>7</sup> Mais informação < <https://www.airbnb.com.br/>>

<sup>8</sup> Mais informação < <https://www.uber.com/pt-BR/>>

<sup>9</sup> Mais informação < <https://www.blablacar.com.br/>>

**Gráfico 2 – Áreas de atuação das iniciativas de economia colaborativa**



Fonte: Elaborada pelo autor.

As inúmeras áreas de atuação que estão disponíveis no mercado convencional podem ter sua versão na economia solidária, um dos maiores exemplos disso são os *crowdfunding* que sites que possibilita o financiamento coletivo de inúmeras atividades como criação de artísticas, projetos sociais, apoiar causas sociais, ajudar estudantes a viajarem, ou doentes a buscarem melhor tratamento, entre outras. Esse modelo de atividade comumente é realizado por bancos ou financeiras que exigem garantias e cobram juros, nesse caso a troca é diversa desde agradecimentos nos créditos de um filme ou CD até uma carta de agradecimento do favorecido. Essa prática de cooperação é uma das mais antigas práticas no meio colaborativo e mesmo assim só tem 14% de iniciativas no grupo estudado. Isso pode ser justificado pelo capital reputacional que essa plataforma tem, pois deve ser um ambiente de confiança entre os envolvidos na transação.

Outro ramo que tem se destacado é a moradia/hotelaria esse tem crescido exponencialmente por proporcionar o viajante uma hospedagem financeiramente atraente, além de poder conhecer a cidade a qual visita através de um morador local. No entanto, esse modelo de negócio necessita de uma troca de confiança e garantias entre os envolvidos. Mesmo ocupando 11% dos negócios estudados é relevante compreender que as possibilidades de hospedagem têm se diversificado pois nesse grupo temos até iniciativas de pet hotéis, mas mesmo com a diversas possibilidades o

questo confiança é relevante nesse caso. Esse modelo de negócio tem favorecido o crescimento de um turismo alternativo, que seria aquele que é disponibilizado por agentes locais sem vínculo direto com turismo, ou moradores que disponibilizam tempo para serem guias turísticos de pessoas ou grupos em sua cidade.

As atividades de colaboração têm permitido que um novo modelo de mercado seja desenhado em sociedade conectada e que se preocupa com a sustentabilidade e um consumo consciente, pelo menos é o que se imagina dos envolvidos nas iniciativas de economia colaborativas, que apesar de ser iniciativas recentes tem causado impactos relevantes na economia. Quando afirmamos que é uma atividade recente é em razão dos dados evidenciarem que mais de 80% dos empreendimentos analisados tem até 10 anos de existência, ou seja, são modelos de negócios do século XXI.

Essa variedade de iniciativas nos moldes da economia colaborativa evidencia o seu crescimento e as inúmeras possibilidades de agir nesse modelo de economia que tem apresentado um crescimento relevante nos últimos anos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as informações coletadas foi identificado que o conceito de economia colaborativa é um campo de disputa por conceitos que diferenciam as iniciativas, mas filosoficamente tem proximidades conceituais. Essa relação entre os conceitos tem possibilitado o surgimento de inúmeras iniciativas em vários ramos de negócios.

Esse fato é positivo pois possibilita um leque de produtos e serviços que podem ser utilizados por grupos de pessoas que pensam em um modelo de consumo sustentável e financeiramente viável. Permitindo que a economia ganhe outros modelos de negócios e atividades que tragam em suas atividades outros valores que não apenas o econômico.

A economia colaborativa se configura como um modelo interdisciplinar podendo ser analisado pela administração, economia, turismo, sociologia entre outros. No caso da sociologia podemos pensar esse modelo por meio de teorias que buscam a compreensão da ação dos indivíduos, bem como as que analisam as relações econômicas simbólicas e sociais, além dessas, destaco o pensamento neo-institucionalista e teoria sobre o uso e funções de serviço e produtos.

Diante desse quadro foi realizado, também, um mapeamento das iniciativas de economia colaborativa em funcionamento no Brasil. Foram encontradas mais de cem iniciativas dos mais variados setores de negócios. Um dado relevante na pesquisa é que maioria dos empreendimentos tem origem nacional e servem ao mercado nacional. Mostra que o mercado brasileiro tem aceito e utilizado esse modelo de economia, podemos observar isso nos modelos citados acima como *enjoei*, *tem açúcar?* e etc.

Porém o fato de serem aplicativos nacionais não limitam a sua ação espacial pois, os empreendimentos de economia colaborativa se caracterizam pelo o uso das redes sociais e aplicativos que permitem as transações, o que possibilita o alcance mundial desse serviço ou produto.

Considerando as colocações apresentadas neste artigo podemos concluir que a economia colaborativa é uma atividade coletiva que funciona de acordo com determinados valores que busca um modelo econômico sustentável, porém, esse modelo está ligado ao modelo econômico vigente, mas foca a valorização no uso das coisas e não em sua posse. Essa filosofia possibilitou o surgimento de diversos empreendimentos que desenvolvem suas atividades com base nos preceitos dessa economia.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Muito além da economia verde**. São Paulo: Ed. Abril, 2012.

BOTSMAN, R. Defining The Sharing Economy: What Is Collaborative Consumption—And What Isn't? **Fast Company**. Recuperado fevereiro 20, 2018, de <https://www.fastcompany.com/3046119/defining-the-sharing-economy-what-is-collaborative-consumption-and-what-isnt>, 2015, maio 27.

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **hat's mine is yours: how collaborative consumption is changing the way we live**. London: Collins, 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6ª ed., v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HUET, F.; CHOPLIN, H. L'économie de fonctionnalité comme économie de coopération: le cas du développement de logiciels. **Projectics/Proyética/Projectique**, v. 11, n. 2, p. 111–122, 2012.

KAUFMAN, D.; ROZA, E. **Empresas e consumidores em rede: um estudo das práticas colaborativas no Brasil**. São Paulo: Ed. Annablume, 2013.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OSTROM, E. **Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action**. New York: Cambridge University Press, 1990.

WALSH, B. 10 Ideas That Will Change the World. In: **TIMES**. 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://ti.me/19YTeQY>> Acessado em: 20 fev. 2018.